

## Índice

I. Os Prazeres da Solidão	11
II. O Vale de Priest	49
III. O Rosto de Joan Crawford	107
IV. Lemon Incest	143
V. O Vermelho e o Negro	189
VI. A Sorte	245
VII. Les Babies	295
VIII. Ursa Menor	399
Agradecimentos	413



I

---

## Os Prazeres da Solidão



Os Neandertais eram propensos à depressão, dizia ele.

Dizia que também eram propensos ao vício, sobretudo o tabágico.

Embora fosse provável, dizia ele, que os nobres e misteriosos Tais (nome por que às vezes se referia aos Neandertais) extraíssem nicotina da planta do tabaco através de um método mais rudimentar, como o de lhe mascar as folhas, antes de ocorrer aquele ponto de inflexão crítico na história do mundo: o momento em que o *primeiro* homem aproximou a *primeira* folha de tabaco do *primeiro* fogo.

Ao ler esta parte do *email* de Bruno, percorrendo com os olhos as palavras «homem» e «aproximou» e «folha» e «fogo», imaginei um *greaser* da década de 1950 que, em *T-shirt* branca e casaco de couro, levava um fósforo aceso à ponta do seu cigarro *Camel* para depois o inalar. O *greaser* encosta-se à parede — porque é isso que os *greasers* fazem, encostam-se e preguiçam — e depois exala.

Naqueles *emails* que eu lia secretamente, Bruno Lacombe dizia a Pascal que os Neandertais tinham cérebros enormes. Ou pelo menos crânios enormes, razão pela qual, explicava Bruno, seria seguro inferirmos que teriam cérebros que os preenchessem totalmente.

Bruno recorria a metáforas modernas para falar da dimensão impressionante da caixa craniana do Tal, comparando-a ao motor de uma mota, cujo volume, fez notar, também era medido. Bruno dizia que, entre as caixas torácicas de todas as espécies humanoides que se deslocavam sobre dois pés e haviam pisado a Terra no último milhão de anos, a do Neandertal era *de longe a maior*, com uns incríveis 1800 centímetros cúbicos.

Imaginei um rei da estrada à minha frente, lá ao longe.

Distingui-lhe o colete de couro, a pança, as pernas esticadas, as botas de motoqueiro repousadas em amplos pousa-pés avançados com acabamento cromado. A *chopper* tem um guidador elevado a que ele mal consegue chegar, e finge que o esforço não lhe cansa os braços, não lhe provoca dores lancinantes na região lombar.

A julgar pelos crânios, dizia Bruno, os Neandertais tinham rostos descomunais.

Imaginei o rosto colossal de Joan Crawford: dramático, brutal, fascinante.

E depois disso, no museu de história natural da minha mente, aquele que criava enquanto lia os *emails* de Bruno, com dioramas povoados de figuras de tanga, dentes amarelos e cabelos emaranhados, todas as criaturas antigas que Bruno descrevia — incluindo os homens — passaram a ter o rosto de Joan Crawford.

Partilhavam com ela a pele clara e o flamejante cabelo ruivo. Os avanços científicos no campo da cartografia genética, esclarecia Bruno, tinham permitido identificar a propensão para o cabelo ruivo enquanto traço genético do Tal. E, a somar a essa conclusão, a essa prova, dizia Bruno, podíamos, através do recurso à nossa intuição natural, supor que, à semelhança do típico ruivo, o Neandertal era um homínídeo dotado da mais vasta gama de emoções fortes e violentas.

Mais algumas coisas, escreveu Bruno a Pascal, que sabemos acerca dos Neandertais: Tinham especial talento para a matemática. Eram avessos a multidões. Tinham estômago forte e não eram especialmente atreitos a úlceras, não obstante os naturais problemas decorrentes da dieta à base de churrasco. Eram particularmente vulneráveis a cáries dentárias e periodontites. E tinham maxilares superdesenvolvidos, perfeitamente capazes de triturar cartilagem, mas inúteis à mastigação de alimentos mais moles — tinham uma mandíbula que se diria *excessiva*. Bruno descrevia a mandíbula do Neandertal como um páthos para o seu desenvolvimento exagerado, o fardo de uma mandíbula quadrada. Falava de custos afundados, como se o corpo fosse um investimento de capital, um investimento fixo, as partes do corpo como máquinas aparafusadas ao chão de uma fábrica, equipamento que tinha sido comprado e não podia ser revendido. A mandíbula do Neandertal era um *custo afundado*.

Ainda assim, os ossos pesados e a compleição robusta do Tal eram dignos de admiração, afirmava Bruno. Especialmente quando compara-

dos com os do homem moderno, o *Homo sapiens sapiens*, que, segundo ele, tinha membros que mais pareciam espetos. (Bruno não usou a palavra «espetos», mas como os *emails* estavam escritos em francês e eu estava a traduzi-los, socorri-me da ampla gama de vocábulos do inglês, a minha língua materna e idioma sumamente distinto.)

Os Tais foram capazes de sobreviver muito bem ao frio, dizia ele, se não mesmo aos éones, ou assim reza a história que deles se conta — uma história que *temos de complicar*, dizia ele, se quisermos saber a verdade acerca do passado antigo, se quisermos ter um vislumbre da verdade *deste* mundo de agora, e de como nele viver, de como ocupar o presente e saber para onde ir amanhã.

\*

O meu amanhã fora meticulosamente planeado. Encontrar-me-ia com Pascal Balmy, líder do Moulin, a quem aqueles *emails* de Bruno Lacombe eram endereçados. E não precisava da ajuda dos Neandertais para saber para onde ir: Pascal Balmy dissera-me para ir ao Café de la Route, na praça principal da pequena aldeia de Vantôme, à uma da tarde, e era aí que eu iria.





Nos *briefings* que me haviam feito, Bruno Lacombe era indicado como professor e mentor de Pascal Balmy e do Moulin, e por essa razão procurava nos seus *emails* referências ao que Pascal e o seu grupo tinham feito, e ao que estavam a planear.

Seis meses antes, nas proximidades da aldeia de Tayssac, não muito longe do Moulin, fora sabotado equipamento de terraplanagem no local onde estava a ser construído um gigantesco reservatório industrial. Cinco escavadoras enormes, no valor de centenas de milhares de euros cada, haviam sido sub-repticiamente incendiadas durante a noite. Embora Pascal e o seu grupo fossem suspeitos, não havia ainda provas do seu envolvimento.

Os *emails* que Bruno enviara a Pascal abordavam inúmeros assuntos, mas, salvo a afirmação de Bruno segundo a qual a água pertence ao lençol freático e não a baías de retenção industriais, eu não tinha encontrado neles nada de comprometedor. Bruno lamentava que o Estado tivesse decidido que seria boa ideia extrair água de grutas subterrâneas e lagos e rios para a conservar em colossais «megabacias» revestidas de plástico, onde absorveria toxinas percoladas e evaporaria ao sol. Tal ideia era trágica, dizia ele, e tinha um poder destrutivo que talvez só alguém que tivesse passado muito tempo no subsolo seria capaz de compreender. A água, dizia Bruno, já era captada pelas engenhosas instalações de filtração e armazenamento que a natureza se encarregara de construir no interior da terra.

Eu sabia que Bruno Lacombe era contra a civilização — um «anticivilizador», como se diz no jargão ativista. E que o departamento rural da Guiena, no Sudoeste de França — e aquele seu remoto recanto

a que eu tinha acabado de chegar —, era conhecido pelas grutas que guardavam vestígios do homem primitivo. No entanto, supusera que Bruno estaria a aconselhar Pascal na implementação de estratégias que travassem os projetos industriais que o Estado tinha para aquele lugar. Não me ocorrera que aquele mentor de Pascal pudesse ter uma crença fanática numa espécie falhada.

Todos concordarão, dizia Bruno, que foi o *Homo sapiens* quem precipitou a humanidade para a agricultura, o dinheiro e a indústria. Mas o mistério do que aconteceu ao Neandertal e à sua vida mais humilde está ainda por desvendar. Os Humanos e os Neandertais terão coexistido durante uns bons dez mil anos, escreveu Bruno, mas ninguém sabia ainda se (e como) estas duas espécies tinham interagido. Se, por exemplo, sabiam da existência uma da outra, mas tinham optado por se manterem afastadas. Ou se, na era em que coexistiram, eram tão poucas as pessoas na Europa que, no meio das acidentadas e intransitáveis extensões de floresta e montanha e rio e neve, desconheciam a presença da outra espécie. No entanto, dizia Bruno, os geneticistas concluíram que eles se tinham misturado e unido para procriar — um sinal claro de que sabiam da «presença» da outra espécie. Teriam estas uniões sido fruto do amor? Ou violações? Despojos de guerra? Nunca teremos como saber, dizia Bruno.

A princípio, perguntei-me se estes *emails* acerca do Neandertal seriam uma partida, se Bruno os teria escrito propositadamente para quem conseguisse aceder-lhe à conta, distraíndo assim o pirata informático dos aspetos nucleares da sua correspondência com Pascal e os moulinards. Falava de inúmeros assuntos, mas nada dizia acerca da sabotagem, e insistia em voltar ao tema do Neandertal — espécie que, convenhamos, deixou muito a desejar, caso contrário ainda aqui estaria. Tinha desaparecido havia milhares de anos, sem que ninguém soubesse exatamente porquê, e nenhum Neandertal aparecera para dar explicações.

Bruno oferecia resistência à hipótese de o *Homo sapiens* ser mais inteligente e mais adaptável, mais forte e mais incansável do que o Neandertal. Aos olhos dele, um era adversário do outro, posição graças à qual eu começava a vê-los não em dioramas, mas no UFC, com o *Homo sapiens* a encarnar o lutador que irrompia pelo octógono adentro trazendo consigo uma sucessão ininterrupta de vitórias.

É tentador ver no Neandertal um competidor fraco, dizia Bruno, que foi copiosamente derrotado pelo *Homo sapiens* (era como se ele tivesse acesso à minha imagem mental das duas espécies frente a frente no octógono do UFC), mas tal visão era um modo falho de resolver o mistério, dizia ele.

A ter havido uma guerra entre eles, fora branda, uma competição por recursos, lenta e implacável. Os Neandertais eram hábeis caçadores, mas, com o aumento da temperatura na Europa, os padrões de excelência alteraram-se. O gelo tinha desaparecido, e, além da necessidade de um tipo de corpo diferente, mais leve e resistente, impunham-se novos métodos de perseguição das presas, que pressupunham grupos numerosos que agissem de forma coordenada, além de armas e instrumentos distintos. Enquanto o Neandertal arriscava corajosamente a vida com uma lança de curto alcance, o *Homo sapiens* optava por uma zagaia de longo alcance. Matar ao longe era menos destemido. Era matar sem assumir um compromisso íntimo com o perigo mortal, sem o abraço ensanguentado que a arma do Tal pressupunha. E todavia, dizia Bruno, o conceito de lança arremessada, método incomparavelmente mais clínico para atingir a caça, traduzia-se seguramente num método eficaz. Outra vantagem seria o corpo mais leve do *Homo sapiens*, que não precisava de tanto alimento. Além disso, ele — ou melhor, ela — tendia a produzir uma prole mais numerosa, embora não muito. Suspeitava-se que o *Homo sapiens* fêmea gerava um número de filhos ligeiramente superior ao Tal fêmea. Mas, ao cabo de milhares de anos, esse número traduzia-se numa diferença populacional absolutamente gigantesca.

E muitas pessoas preservam traços do Neandertal, afirmava ele. Dois por cento, quatro por cento — um número assombroso, considerando que as últimas comunidades vivas de Neandertais que contribuíram ativamente para o património genético desapareceram há mais de quarenta mil anos. É como se os nossos cromossomas se aferrassem a esta herança antiga, dizia ele, como se ela fosse uma preciosa lembrança, uma relíquia, o vestígio de uma pessoa que, vivendo nas profundezas do nosso ser, conheceu o nosso mundo antes da queda, antes do colapso de uma humanidade que degenerou numa cruel sociedade de classes e dominação.

Haverá quem diga: «Dois por cento Tal, quatro por cento Tal. Bem, não é muito. Um erro de arredondamento. Sobram uns colossais noventa e oito por cento *sapiens*.»

Assim é, dizia Bruno. Atentemos então nessa parte maioritária. Não podemos negar que fomos *ocupados* pelo *Homo sapiens*, e que, gostemos ou não, somos *sapiens*, figura que, todos concordarão, deu por si mergulhada numa crise. Um homem cuja pulsão de morte está *no banco do condutor*.

O *Homo sapiens* precisa de ajuda. Mas não quer ser ajudado.

Suportámos um século xx longo, repleto de derrotas, fracassos e contrarrevoluções. Agora que já se passou mais de uma década desde a entrada no século XXI, é chegada a altura de reformar a consciência, dizia Bruno. Não através dos ismos. Não com o dogma. Mas convocando os segredos mais místicos que guardámos de nós mesmos: aqueles que dizem respeito ao nosso passado.

Um psicanalista procura pistas de repressão, daquilo que o paciente escondeu dos outros e, mais importante, de si próprio. A mais profunda das repressões é a história daqueles que vieram primeiro, antes de nós, muito antes de escrita a primeira palavra a nosso respeito. Temos de deslindar que significado poderão estas vidas primitivas ter para nós, e para o nosso futuro.

Não, não sou um primitivista, dizia Bruno, como se em pronta resposta a uma acusação.

É para a frente que olho, dizia ele, e só discuto a história antiga na medida da relação que ela tem com o que está para vir.

Olhem para cima, ordenou ele no *email* endereçado a Pascal Balmy e ao grupo.

O teto do mundo está aberto.

Contemos estrelas e vivamos na sua luminosa contemplação.

O mesmo é dizer no passado profundo dessas estrelas; o mesmo é dizer no nosso futuro, brilhante como a Estrela Polar.